

"É preciso ter coragem para não permitir que te diminuam"

Nascer em uma cidade pequena e rural, como Joviânia, em Goiás, não seria uma barreira para a estudante de letras Nicolly Prado, 23, se o apelo conservador e, principalmente, religioso não motivasse julgamentos a respeito de sua sexualidade. Apesar de sempre ter tido uma relação positiva com os pais, "um pouco mais liberais", segundo ela, sentia-se muito diferente do resto da família, todos muito religiosos. Criada na igreja até os 14 anos, percebeu-se como bissexual aos 13.

Por ser tudo muito novo, sentia-se culpada. "Contei para a minha mãe e ela surtou." Foram, então, dois anos de desafios nessa relação, permeada de incompreensão, choro e brigas. Com o resto da família que não aprovava sua orientação, não se importava, mas sofria com os constantes desentendimentos com os pais. O preconceito veio de parentes, conhecidos e amigos de infância. "Muita gente mudou comigo, me tratavam de maneira estranha."

A primeira reação da mãe e do pai foi encarar a situação como uma fase, considerando ser apenas um momento da adolescência. "Minha mãe só percebeu que era algo sério quando me relacionei com minha primeira namorada. Daí, as brigas se tornaram mais frequentes", relata. Aos poucos, porém, ela começou a se acostumar e, hoje, aceita totalmente. Um dos fatores que contribuiu para esse amadurecimento, acredita Nicolly, foi a distância física entre ambas, quando a jovem se mudou para Brasília, aos 14, para estudar.

Bissexualidade

Um problema que também surgiu durante o período de adaptação foi a invalidação da possibilidade de ser bissexual, visto que, quando ficava com meninos, achavam que ela havia



Nicolly Prado ladeada pela noiva e pela mãe: relacionamento em harmonia

voltado ao "normal" e reafirmavam que era somente uma fase. Da mesma forma que, ao relacionar-se com meninas, sentiam-se decepcionados novamente.

Como gosta muito de viajar, presenciou desrespeito também em outros países. Na Coreia do Sul, por exemplo, onde fez intercâmbio e conheceu a noiva, recorda-se de precisar lidar com piadas, pessoas apontando o dedo para o casal e até mesmo as parando na rua para fazer julgamentos.

Para os mais jovens, a dica é não ter medo de se afirmar e reafirmar, caso seja necessário. "Se eu não tivesse batido o pé e me reafirmando, mesmo com as brigas, as pessoas não me respeitariam da forma como sou. É preciso ter coragem e segurança para não permitir que te diminuam e te apaguem. Se somente uma vez eu tivesse abaixado a cabeça e desistido de levar a minha namorada para algum evento em família, por exemplo, a situação se repetiria outras vezes."

Hoje, a relação entre a mãe e a parceira é

muito positiva e, como a noiva é mexicana, o casal tem se revezado nos países para passarem mais tempo juntas.

O papel da escola

Você sabia que as Diretrizes Curriculares Nacionais, concebidas pelo Conselho Nacional de Educação, preveem a discussão, em sala de aula, de temas relativos à identidade de gênero, à orientação sexual e ao enfrentamento da violência e do preconceito? Se sim, consegue imaginar o porquê dessa determinação?

Diferentemente do racismo, na LGBTfobia, a família toma o filho ou a filha como um "corpo estranho", alguém que é diferente, o que faz com que crianças e adolescentes, principalmente, percam essa base de proteção. Nessas situações de ruptura de vínculo, esses grupos entram em condições de vulnerabilidade emocional e financeira.

Tatiana Lionço, doutora em psicologia e professora de comunicação organizacional da Universidade de Brasília (UnB), recorda-se de